



Wanderson Lana

Ilustrações
Yasmin Mundaca

Manual do Professor

Daiane Cristina Pereira

**EU
PREFIRO
SER A
BRUXA**

**Tanta
Tanta**
EDITORA

© Daiane Cristina Pereira, 2021.

Editora

Elaine Caniato

Textos

Daiane Cristina Pereira

Capa e Diagramação

Elaine Caniato

Revisão

Doralice Jacomazi



Editora TantaTinta Ltda.

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

tantatinta.com.br - contato@tantatinta.com.br

SUMÁRIO

Biografia do autor _____	4
Biografia da ilustradora _____	5
Sobre o livro _____	6
Pré-leitura _____	8
Leitura _____	12
Pós-leitura _____	18
Referências _____	22

BIOGRAFIA DO AUTOR

Wanderson Lana nasceu em Poxoréu-MT, no dia primeiro de novembro de 1985, mas aos treze anos mudou-se para Primavera do Leste-MT, onde ainda reside e desenvolve vários trabalhos. Ele é ator, diretor, escritor, poeta e dramaturgo. Graduiu-se em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso, em 2007. Também é especialista em História da América Latina, pela mesma universidade, além de mestre e doutor em Estudos da Cultura Contemporânea.

Por ser muito interessado no mundo do teatro, Wanderson tem seus principais trabalhos focados nessa área. É idealizador do *Teatro Faces*, grupo de teatro fundado em 2005, cujo objetivo era levar a dramaturgia para os moradores de Primavera do Leste, além de desenvolver diversos projetos que inserem crianças e adolescentes no campo da dramaturgia. Nesse segmento, ele recebeu vários prêmios, entre eles o Prêmio Funarte, de 2018, pelo texto *Ensaio sobre a Verdade*, escrito para adultos, e mais alguns prêmios pela peça *O menino e o céu*, cujo público-alvo são as crianças. Ainda na área da dramaturgia, Lana é criador do Festival de Cinema do Mato e do Festival da Velha Joana.

Já na área da Literatura propriamente dita, o autor escreveu para jovens e adultos o livro *Braquicardia*, de 2011, inspirado nas experiências que viveu e sentiu para escrever seu próximo livro, *O homem do coração azul*, de 2012. Para crianças, o autor escreveu *Eu prefiro ser a bruxa*, de 2021, contemplado com o Edital Estevão de Mendonça, do Estado de Mato Grosso.

Em 2021, além de lançar seu livro, foi homenageado com o documentário *Ao mestre com carinho*, por sua contribuição para a cultura mato-grossense, presente nas bibliotecas onde seus livros estão, nas oficinas e festivais de teatro, música e dança que organizou, nas poesias e outros escritos que produziu. Atualmente, Wanderson Lana é secretário da Cultura do Município de Primavera do Sul-MT.

Como escritor, Wanderson Lana sempre gostou de contar histórias e isso o estimulou a escrever dramas, prosa e poesia: “Eu sempre gostei de histórias. Gostava de criar histórias, de brincadeiras que podíamos criar, como polícia e ladrão, até mesmo contar causos para amedrontar os primos. Posso dizer que tive uma infância concebida para um escritor, no bom e num sentido mais pesado” (COELHO, 2012). Podemos perceber que o mundo lúdico e inventivo é natural para Lana e esperamos que possa contagiar a você e seus alunos.

BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

Yasmin Mundaca é ilustradora, design e artista plástica. Nasceu no Chile, em 1970, mas mudou-se para o Brasil em 1976. Em 2009, ela idealizou o blog *Mundo Mundaca*, onde expunha seus trabalhos e suas criações, despertando o interesse de galerias e editoras de livros por todo o mundo. Em 2012, formou-se em Ilustração Editorial pela Quanta Academia de Artes de São Paulo.

A artista expôs seus trabalhos na Geode Gallery, em Ohio (EUA), e também na Sardenha (Itália). Como ilustradora, ela produziu vários trabalhos, entre eles o livro de contos da escritora espanhola Silvia Ochoa e os livros *Cabelo ruim?* (2020) e *Papo cabeça de criança travessa* (2017) para a TantaTinta. Atualmente, vive no interior paulista com o seu cachorrinho Doodle.

Para compor suas obras, Yasmin usa tinta acrílica, aquarela, lápis aquarelável e caneta hidrográfica, pensando os personagens da seguinte maneira:

Depois que recebo o texto e o leio, vou pesquisar na internet, em revistas, outros livros, jornais e vários outros lugares imagens de pessoas reais, de animais, paisagens, objetos, e até músicas que me remetam ao conteúdo da história. Coloco tudo isso numa pasta do computador e diante de todo esse material vou criando o estilo e a coloração que vou trabalhar. Depois passo a fazer esboços, em seguida estudos mais elaborados, e por fim as ilustrações finais coloridas e com todas as técnicas aplicadas (Texto complementar *Cabelo ruim?* 2020, p. 14).

Para acompanhar os trabalhos de Yasmin Mundaca, você pode acessar o Instagram dela, @yasmin.mundaca.illustrator, ou seu blog *Mundo Mundaca*: <http://mundomundaca.blogspot.com/> .

SOBRE O LIVRO

O livro *Eu prefiro ser a bruxa* é muito complexo quando pensamos em seu gênero textual, visto que ele é bastante híbrido, apresentando ora características do gênero narrativo, como a narração de ações e situações, ora do gênero poético, como o uso da rima e de versos, ora do gênero dramático, como o permanente uso de diálogos. No entanto, acreditamos que o gênero literário que mais se destaca é o narrativo, pois o que se apresenta através da escrita é a representação de uma história que relata, por meio de um narrador, ações e acontecimentos vividos pelas personagens, num espaço e num tempo determinados.

Como podemos inferir na leitura do livro, ele se constitui como um pequeno conto, no qual se narra a situação de *bullying* e racismo contra a menina Maria, praticada por seus amiguinhos enquanto brincam em uma área verde, assim como a maneira que a menina vai reverter tudo isso, ensinando a aceitação e o respeito ao próximo aos seus colegas. Nesse sentido, a história de Maria, assim como outras histórias infantis antigas e contemporâneas, apresenta a estrutura do conto com a finalidade de divertir as crianças, mas também ensinar a elas uma ética de vida capaz de orientar suas ações como cidadãs. Ele rememora a tradição ancestral de contação de histórias, assim como o mundo mágico das fadas, bruxas, príncipes e princesas, modernizando-o e trazendo uma nova perspectiva sobre a aceitação e a diferença para as crianças.

O conto é um bom meio para esse tipo de narração justamente por seus elementos estruturais. Primeiramente, ele deve ser curto, possibilitando que seja lido em pouco tempo, sendo bastante prático para a leitura das crianças, pois não exige nem muito tempo, nem grande capacidade de atenção. Assim, o nosso livro pode ser lido em sala de aula rapidamente, ou ainda, pela criança sozinha, que vivenciará e aprenderá com a situação pela qual Maria e seus amigos passam.

Esse gênero textual também apresenta poucos personagens, como no livro, em que vemos apenas Maria e alguns poucos amigos: Ana, Carol, Melissa, Izabel, João e Léio. O espaço também é exíguo, no caso, um parque ou área verde, e o tempo em que acontece a história também é curto, como uma tarde de brincadeira, por exemplo. Outra característica básica do conto é a unidade de ação, ou seja, não podem existir muitas situações acontecendo (no geral, acontece apenas uma), para que possam ser rapidamente resolvidas e o limite de extensão do texto não seja excedido. Em *Eu*

prefiro ser a bruxa, temos apenas a situação de brincadeira entre as crianças como motor da ação e que é resolvida rapidamente pela interação entre elas.

O conto também apresenta um narrador, que pode estar em primeira pessoa, contando a história de dentro dela como personagem principal ou testemunha, ou em terceira pessoa, narrando a história de fora, como um ser onisciente que tudo vê e é capaz de adentrar nas cabeças das personagens. No caso do nosso livro, é este último narrador quem narra a história e conta tudo o que acontece na interação entre Maria e seus amigos.

O conto também apresenta um enredo e um conflito. O primeiro diz respeito à sequência de ações que acontece na história, no caso, a decisão da brincadeira, a situação de preconceito, em que as crianças questionam a vontade de Maria em ser fada por ela ser negra, até a solução final, na qual quase todas as crianças reconhecem o preconceito e passam a considerar legal ser quem se é. O segundo se refere a uma situação inicial, que provoca uma tensão, que faz com que outras ações sejam tomadas para se resolver o problema, ou seja, em nosso livro, o questionamento das crianças da vontade de Maria de ser fada, por ela ser negra, mostrando uma situação de racismo e preconceito.

Além disso, o conto também exibe uma ordem específica na apresentação da narrativa e a ação acontece um pouco em função dela. Assim, o conto inicia-se com a introdução, na qual a situação inicial é colocada, os personagens são apresentados, assim como o espaço e o tempo, ou seja, é nessa parte que Maria e seus colegas são apresentados, bem como a condição das brincadeiras. No desenvolvimento, a situação de conflito é demonstrada e as circunstâncias vão acontecendo para resolvê-la. Como dissemos, é nessa fase que aparecem o racismo e a afirmação de estereótipos contra Maria, mas também a aceitação de Maria em ser bruxa, a felicidade da menina em encontrar coisas positivas nessa situação.

Temos, em seguida, o clímax, que é o momento de maior tensão e o auge da história, em que o problema atinge seu ápice e deve ser resolvido, no caso, o feitiço de Maria contra o preconceito e a recusa de João em aceitar que ele existe. Por fim, vem o desfecho, que é quando as situações são ou não são resolvidas e a história é finalizada. Em *Eu prefiro ser a bruxa*, João sai da brincadeira e as crianças se unem e se apoiam e reafirmam a aceitação das diferenças e das diversas escolhas.

Assumindo essa estrutura, este livro diverte as crianças com sua protagonista feliz, inteligente, linda e cativante, mas, ao mesmo tempo, retomando o mundo mágico das fadas e bruxas, seus feitiços e encantamentos, ensina que os estereótipos

não devem definir quem somos, nem limitar nossas escolhas e alegrias. Além disso, mostra que é necessário se unir contra o preconceito, contra o racismo, promovendo a aceitação das diferenças.

PRÉ-LEITURA

Princesa, fadas, bruxas e vilãs

Com a discussão sobre a aceitação dos corpos, seja por suas cores, seja por suas formas, seja por suas expressões, muito se tem debatido sobre os estereótipos que nos são impostos desde criança, principalmente às meninas e às crianças negras, e que definem como cada uma delas deve brincar, até o que pode ser e realizar na vida. Dentro desse espectro de discussão, uma das questões colocada é a falta de representatividade das pessoas negras no universo da cultura, principalmente na literária, ou ainda, os estereótipos em que são encaixadas, definindo-as como inferiores, feias, menos inteligentes, dedicadas a trabalhos e posições sociais consideradas menores, o que é provocado pelo racismo estrutural incutido em nossa sociedade, limitando a vida e as possibilidades delas.

Na Literatura Infantil, os livros são geralmente protagonizados por príncipes, princesas, reis, rainhas, fadas, mágicos, brancos e europeus, dificultando que a criança negra se identifique e se veja representada nessas histórias. Em 2005, a pesquisadora Roseli Figueiredo Marins realizou um trabalho com meninas das escolas públicas da periferia de São Paulo e concluiu que meninas negras têm dificuldade em aceitar seus traços étnicos porque seriam bombardeadas por um padrão branco, considerado bonito e ideal (MARTINS, 2006). Solicitando que as meninas desenhassem princesas e príncipes ou fizessem teatros em que assumiriam o papel de princesas, príncipes ou vilãs, elas quase sempre identificavam as princesas e príncipes com pessoas brancas, de cabelos loiros e de olhos claros, acreditando que pessoas negras não poderiam assumir esse papel. Logo, o racismo estrutural, aquele enraizado nas instituições da nossa sociedade, age sobre a subjetividade dessas meninas, não permitindo que se vejam de forma positiva ou numa posição social elevada.

Dessa maneira, acreditamos que uma boa maneira de apresentar o livro *Eu prefiro ser a bruxa* seja colocando em pauta os estereótipos de raça e gênero discutidos por ele, reproduzindo, de alguma forma, a experiência da pesquisadora. Temos consciência de que o livro vai mais além do que simplesmente colocar as crianças negras em papel positivo, pois ressignifica o papel da bruxa recorrendo a uma tradição que remonta a

Michelet, que as via como sábias, inventivas e protetoras, mostrando às crianças que todos podem assumir o papel que quiserem. Entretanto, num primeiro momento, é interessante verificar os estereótipos que as crianças já introjetaram e que serão desconstruídos pelo livro.

Nesse sentido, inicialmente peça aos seus alunos que lembrem como são as fadas e as vilãs de seus filmes, desenhos e livros preferidos. Se achar necessário, você pode incluir também as princesas, estendendo o repertório de discussão das crianças. Destaque as características físicas e psicológicas de cada uma delas através de algumas perguntas. Por exemplo:

- 1) Como são fisicamente as fadas que a gente vê em filmes, desenhos e livros?
- 2) Quais as características psicológicas que as fadas apresentam? São boas, são más, são gentis, são inteligentes...? O que você acha?
- 3) E as princesas, como são fisicamente? São bonitas, são feias? Qual a cor de sua pele? Como são os seus cabelos. E psicologicamente? Elas são boas, são más, são alegres, são espertas?
- 4) Agora vamos pensar nas vilãs dos filmes, livros e desenhos? Como você as vê? Quais características elas têm fisicamente? E quais características têm psicologicamente?

Na sequência, divida a sala em grupos e solicite para que os alunos desenhem uma princesa, uma fada e uma vilã. Instigue-os a pensar quais as características psicológicas de cada uma. Use os materiais que tiver: lápis, lápis de cor, canetinha, tinta guache, recorte de revistas, jornal, cola, papel... tudo o que estiver ao seu alcance e a imaginação dos alunos mandar. Eles podem imaginar um cenário para os desenhos, se quiserem, ambientando melhor as personagens. Peça para que os grupos entrem em um acordo e que desenhem o que consideram as características principais dessas personagens.

Após a realização dessa parte da atividade, promova uma apresentação dos desenhos para a sala, solicitando aos alunos que expliquem o que conceberam para cada uma das personagens. Pode ser que alguns deles apresentem personagens bem diferentes dos estereótipos, como princesas negras, vilãs loiras, fadas más, etc., visto que a discussão sobre diversidade tem atingido o cinema, os desenhos e a literatura, como nos filmes e desenhos *Malévola* (2014), *Pequena Sereia* (2022), *Valente* (2012), *Moana – uma aventura do mar* (2016), entre outros. Valorize essas apresentações que destoam do estereótipo, porque elas já apresentam um grau de desconstrução

que deve ser estimulado. Ao fim da atividade, você pode fazer um mural com os desenhos que acompanhará a sala por todo o percurso de leitura e atividade com o livro *Eu prefiro ser a bruxa*.

As palavras da bruxa

Esta atividade trabalha com o campo semântico relacionado à palavra BRUXA, além de também fixar as noções que os alunos têm sobre essa personagem. Ela também tem por objetivo apresentar mais um dos elementos discutidos pelo livro e que será desconstruído na história da menina Maria: de que bruxas são feias, tristes e más.

Para iniciar a atividade, comece passando o clipe *Vou te pegar*, que foi exibido no programa *Xuxa no Mundo da Imaginação*, da TV Globo, entre os anos de 2002 e 2004:

Clipe: Vou te pegar

Artista: Xuxa

Duração: 2 min e 28 segundos (Brasil)

Ano: (2002)

Disponível no YouTube

Nele, Xuxa aparece interpretando a bruxa Keka, que procura crianças que não se comportam bem para transformá-las em bruxa também. O clipe e a música apresentam uma concepção de bruxa má, que prejudica as crianças, além de mostrá-la feia, descabelada, de nariz grande e verruguenta, isto é, o estereótipo mais comum deste tipo de personagem. Caso não queira passar esse vídeo para seus alunos, existem muitos outros disponíveis na internet em que as bruxas aparecem sempre com esse estereótipo negativo que o livro tenta desconstruir. Você pode escolher o que achar mais adequado, mas tenha em mente que, nesse momento de pré-leitura, é necessário apresentar os elementos do livro de modo a verificar o conhecimento prévio deles sobre o assunto.

Após exibir o vídeo, escreva na lousa o substantivo BRUXA, de preferência grande, no meio do quadro, conforme o exemplo que colocamos abaixo:



BRUXA

Solicite aos alunos que reflitam sobre a palavra e o vídeo que viram. Cada um deles deve se lembrar e dizer uma palavra que remeta a esse substantivo. Você deve escrevê-las ao redor desse desenho, construindo simbolicamente o campo semântico que a envolve. Ao fim dessa parte da atividade, escreva as respostas na lousa e peça que os alunos anotem no caderno, pois vão retomá-las em uma atividade posterior (na pós-leitura).

Caindo no caldeirão da bruxa (Variação da brincadeira da força)

Essa atividade, além de apresentar o nome do livro a ser lido pelas crianças, estimula o conhecimento das letras e da ortografia. Estamos propondo essa variação da brincadeira de força, pois é muito tradicional e as crianças adoram, mas acreditamos que seja importante tornar a brincadeira mais apropriada ao livro.

Desenhe na lousa um caldeirão de bruxa ou algo que se pareça com ele. Pode ser um círculo que você vai pedir para que os alunos imaginem que seja o caldeirão da bruxa. Ao lado, escreva traços para cada letra do nome do livro, tomando o cuidado de deixar um espaço entre elas. Ficará mais ou menos assim:



Depois disso, explique que ali está escondido o nome do livro que eles lerão em seguida, possivelmente na próxima aula. Divida a sala em grupos e explique que cada um deles deve falar uma letra que eles acham que consta no nome do livro. Se acertarem, simplesmente passa-se a vez para o outro grupo. Se errarem, o nome de um dos participantes do grupo vai parar no caldeirão da bruxa, ou seja, você escreve o nome dele no círculo que representa o caldeirão e essa pessoa será eliminada do jogo. O grupo que tiver esgotado todos os seus participantes vai saindo da brincadeira. Ganha quem descobrir o nome do livro. Você pode fazer a mesma brincadeira com o nome das personagens, de palavras que considera importantes no livro e outros aspectos da narrativa.

Ao fim da atividade, peça para que eles imaginem como serão os personagens da história, o lugar em que se passa e que tipo de mensagem ela quer passar. Solicite também para que pensem como será a bruxa a partir do título. É boa, é má, é bonita, é feia, é gordinha, é magrinha, é negra, é branca? Exagere no mistério para que eles fiquem bem empolgados para ler o livro.

LEITURA

Contaçãõ de história

Como o livro retoma elementos ancestrais das bruxas para narrar uma situação cotidiana de racismo, preconceito e bullying, consideramos interessante retomar uma tradiçãõ de leitura, ou seja, a contaçãõ de histórias. Como se sabe, a contaçãõ de histórias, além de ser uma prática bastante lúdica, recupera o velho costume de adultos e crianças juntos, uns ouvindo e aprendendo com o que o outro narra, criando uma noçãõ de memória e comunidade nos lugares em que era praticado. Assim, além de retomar essa tradiçãõ, ambientaremos melhor o livro, já que ele retoma a também milenar figura da bruxa para ressignificá-la.

Primeiramente, prepare-se para essa atividade. Leia o livro com antecedência, conhecendo as pausas marcadas pela pontuaçãõ, pelos diálogos e pela entonaçãõ das palavras. Não esqueça de marcar os momentos de mistério, de alegria, de encantamento, de questionamento, etc., nos quais as vozes das personagens e do narrador sofrerãõ variaçãõ de altura e mesmo de tonalidade, expressando aquilo que estãõ sentindo. Procure compreender o significado de todas as palavras e tente aprender a pronunciar todas aquelas que você tem dificuldade, a fim de que a leitura fique mais leve e fluída. Conheça a biografia do autor e da ilustradora do livro para apresentá-los a seus alunos.

No dia da leitura, se puder, se vista de bruxa/o para que os seus alunos se sintam mais ambientados, mas também comecem a perceber que as pessoas podem ser aquilo que quiserem e para se desvencilharem da imagem da bruxa má. Torne a sala mais próxima ao ambiente do livro, colocando desenhos, colagens, cartazes e outros elementos que lembrem um espaço verde como aquele apresentado no livro. Se houver possibilidade, leve-os a uma área verde na própria escola, tomando o cuidado de verificar se a leitura não será interrompida de alguma forma. Deixe-a mais agradável, colocando almofadas, tecidos, colchonetes, ou seja, um lugar onde os alunos possam se sentar.

Para começar a atividade, solicite que sentem no lugar que escolherem, no entanto, voltados para você, a fim de que possam ver o livro. Inicie mostrando a capa, pedindo para que imaginem quem é aquela menina e qual tipo de história será contada ali. Siga apresentando as imagens, mas sem ler o livro, parando brevemente em cada uma das páginas, solicitando que imaginem em qual lugar as personagens do livro estão, quem são aquelas crianças, se são diferentes umas das outras. Isso é importante porque, apesar de o livro falar de racismo, apenas Maria é apontada como uma criança negra, deixando a diferença entre as crianças implícita. É apenas nas imagens da ilustradora Yasmin Mundaca que essas diferenças ficam mais claras.

Vá ao final do livro, mostre as fotos do autor Wanderson Lana e da ilustradora Yasmin Mundaca. Leia a biografia para os alunos, fazendo comentários sobre elementos que achar interessante. Leia a epígrafe do livro, informando que aquelas palavras iniciais costumam ser de agradecimento dos autores a alguém que gostam ou que os inspirou. Nesse caso, Wanderson Lana provavelmente pensou nas sobrinhas, a quem oferece o livro. Diga aos alunos que, a partir daquele momento, você lerá o livro e que eles devem prestar bastante atenção, mas que podem interromper sempre que tiverem algo para dizer, seja alguma dúvida, observação ou comentário.

A partir das dicas acima, faça a leitura do livro. Acreditamos que, nessa primeira leitura, você não precise parar para comentar partes do livro. Deixe a sua leitura e as palavras escritas falarem por si próprias, surpreenderem e emocionarem as crianças. Deixe os detalhes para a roda de conversa que virá a seguir, dirimindo dúvidas e dando destaque às partes do livro que julgar importante.

Roda de conversa

A roda de conversa se constitui num bom aporte metodológico dos professores, pois desenvolve a autonomia e o senso de coletividade dos alunos, permitindo que eles sejam protagonistas da aula, ao mesmo tempo que interagem com os colegas. Permite também a eles discutir temas polêmicos, como os apresentados por *Eu prefiro ser a bruxa*, colocando suas opiniões, aceitando as opiniões dos outros, alargando seus horizontes e aumentando o seu conhecimento de mundo.

Essa é uma atividade decorrente da anterior, a contação de histórias, no entanto, esteja à vontade para solicitar que os alunos leiam o livro sozinhos novamente, que anotem suas dúvidas, comentários, personagens e partes preferidas, podendo, assim, facilitar mais ainda a atividade. No entanto, acreditamos que eles são capazes de

absorver bastante detalhes do livro através da contação de histórias, sendo possível que a roda de conversa seja feita depois dessa atividade.

Então, após a leitura, informe aos alunos que vocês farão uma roda de conversa para discutir o que acharam do livro. Explique que cada um deles vai dar sua opinião sobre os elementos do livro, as personagens, a história e os assuntos discutidos. Todos devem dar suas opiniões com respeito, esperando a vez do outro de falar, sendo educados com os colegas, sem usar xingamentos ou tons exaltados de voz.

Se você tiver uma sala que tem dificuldade em respeitar a fala do outro, pode fazer essa atividade usando a técnica do bastão da fala. O bastão ou objeto de fala é uma tradição ancestral dos indígenas norte-americanos, mas pode facilmente ser adaptado na educação, usando-se um pedaço de madeira ou um canudo de papel decorado, que dá à criança que o tiver em mãos o espaço de fala naquele momento. Você pode decorar um bastão com tema de bruxa, ou ainda, com o de fada, usando as personagens que aparecem no livro, chamando-o de bastão ou de varinha mágica. Isso facilitará muito a atividade. Se você quiser conhecer um pouco mais sobre o objeto ou bastão de fala, visite o artigo *Objeto da fala*, de Alex Breta, na página <https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/objeto-da-fala-df942f838679> (2015).

Deixe os alunos em círculo ou no lugar que escolheram durante a contação de histórias. Acreditamos que a primeira opção seja melhor porque quebra a relação hierárquica entre professor e aluno e todos podem olhar para todos. Comece perguntando se eles entenderam tudo o que aconteceu na história, se todas as palavras ditas foram compreendidas. Depois das dúvidas dissipadas, siga apontando os elementos do livro, questionando-os sobre cada elemento da história e as questões que considera importante. Entretanto, para que você não se sinta solitário nem perdido nessa atividade, elaboramos um questionário com elementos que consideramos importantes sobre o livro. No entanto, tente dar mais naturalidade à conversa, permitindo que as questões sejam feitas conforme surjam aos alunos, valorizando suas descobertas sobre o livro e sobre literatura.

Questionário

- 1) O que vocês acharam das ilustrações do livro?
- 2) O que acharam da personagem Maria? Vocês gostaram dela, de seu comportamento e do modo como ela foi desenhada? Quais são as principais características de Maria?

- 3) O que acharam das personagens do livro? De qual vocês mais gostaram? O que tem de interessante nela que fez com que vocês gostassem?
- 4) O que vocês pensaram da brincadeira que foi proposta, de príncipes, fadas e bruxas? O que vocês acham que tem de legal e de chato numa brincadeira dessas?
- 5) Por que vocês acham que as outras crianças pensaram que Maria não poderia ser fada na brincadeira? Vocês consideram isso justo?
- 6) Vocês já viram pessoas negras em papéis de fadas ou princesas em filmes, desenhos animados ou livros infantis? É comum ter mais pessoas negras ou mais pessoas brancas? (Acreditamos que, nesse momento, a questão do racismo surja na discussão).
- 7) O que vocês acham que é o racismo? Quais atitudes você considera racista ou já presenciou na sua vida?

Aqui vai um adendo importante! É bem provável que nesse momento surja o tema do racismo, ou então, atitudes racistas por parte de alguns alunos. Explique para eles que o racismo é uma prática social de depreciação de grupos com origens étnicas diferentes, principalmente as pessoas negras, baseada em características biológicas, por parte dos grupos dominantes, no caso, os brancos. Recorde-os também que, além de ser ruim, o racismo é crime inafiançável. Mostre que é ofensivo julgar as pessoas por suas características físicas, como a cor da pele, o formato do cabelo ou a cultura em que ela vive. Esse tipo de atitude é ofensiva e faz com que as pessoas que são alvos se sintam mal. Devemos respeitar a diversidade, falar mais sobre o assunto e valorizar a diferença e aquilo que somos. Se você quiser conhecer mais sobre o assunto, consulte o livro *Superando o racismo na escola*, organizado por Kabengelê Munanga (2005), ou o artigo “*Lápis cor da pele, quem tem? Descrevendo experiências em relações raciais com crianças na educação infantil*” (2017).

- 8) O que vocês acharam da atitude de Maria em querer ser a bruxa da história? Vocês acharam uma boa opção ou que ela deveria ter brigado para ser fada?
- 9) Após começar a brincadeira, como Maria fica com relação a ser bruxa. Vocês acham que ela teve uma boa atitude?

- 10)** O que as crianças fazem com Maria após perceberem que ela estava organizando o cenário do modo como queria e que estava feliz em ser bruxa?

Retorne ao livro, nesse momento da discussão, e mostre que Maria fica feliz com a sua parte no faz de conta, porque assume que ser bruxa é uma coisa positiva e legal. Continue demonstrando também que existe uma tentativa de controle da menina Maria por parte dos colegas, que tentam influenciar o modo como ela organiza sua parte no cenário, dizendo que ela deve limpar, o modo como ela se comporta, ou seja, que uma bruxa deve ser triste, e a ofendem, dizendo que ela deve prender seu cabelo. Sabemos que o livro remete, nessa situação, a um estereótipo de gênero e raça, expressando a ideia de que as atividades das mulheres, principalmente as negras, devem estar ligadas ao cuidado e à limpeza, de que o corpo negro deve ser controlado, porque é considerado desleixado, mas também ao estereótipo da bruxa, que deve ser sempre má e triste. São assuntos bem complexos, difíceis de se discutir com as crianças, mas que não podem ser ignorados. Então, faça a discussão de uma maneira mais leve, focando-se em elementos do livro, mostrando que Maria não aceita a situação de opressão e se opõe a seus colegas.

- 11)** Qual a reação de Maria à atitude dos amiguinhos?
- 12)** Como vocês imaginam que são as fadas da África a que Maria se refere?
- 13)** Assim como Maria e as outras crianças, em algum momento de suas vidas, vocês já ouviram que racismo não existe? O que vocês acham sobre isso?
- 14)** Em algum momento da vida, vocês já presenciaram ou viveram uma situação de preconceito? (Tendo em vista que esse assunto costuma ser muito delicado, não force seus alunos a falarem e acolha aqueles que contarem suas histórias).
- 15)** Maria, no faz de conta, usa seus poderes de bruxinha, e lança encantamentos contra o preconceito racial e contra o bullying. Vocês acham que deu certo? (Explique aos seus alunos o que é preconceito racial e bullying. Abaixo você encontra as definições de ambos e de onde foram retirados).

“...o preconceito é uma falsa crença com base em generalizações equivocadas sobre determinados grupos raciais e étnicos. Está fundamentado nos

estereótipos que impedem a comunicação entre as pessoas. Constitui-se nas ideias pré-concebidas, ou seja, consciente e inconscientemente construídas de geração em geração, alcançando a todos de forma sutil e geralmente imperceptível. Está nas formas mais subjetivas do ser humano. Quando praticado, torna-se discriminação, e também pode ser repellido na tentativa de impedir atitudes discriminatórias, colocando cada pensamento à prova, e conseqüentemente mudando vocabulários e maneiras de ser e agir” (Retirado da cartilha *Combate ao racismo institucional: essa luta também é sua*, presente no seguinte link: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/20190926cartilhacombateracismo.pdf>).

“O bullying é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas” (Retirado da cartilha *Bullying: Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas*, presente no link: https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/cartilha_bullying.pdf)

- 16) Vocês acham que racismo, preconceito e bullying são assuntos para criança? Por quê?
- 17) O que vocês diriam a João se estivessem no lugar de Maria ou fossem um dos amigos que presenciaram a cena?
- 18) Vocês gostaram do livro? Por quê? Pensem que vocês estão recomendando este livro a um amigo. O que diriam sobre ele?
- 19) Encerre a roda de conversa com a atividade que se segue.

Por que eu prefiro ser a bruxa?

Após a roda de conversa, é esperado que as crianças tenham uma visão mais positiva sobre a personagem da bruxa e que tenham entendido que sua inventividade, alegria e inteligência possibilitaram a Maria ensinar aos seus amiguinhos sobre preconceito, bullying, intolerância, acreditar em si mesma e aceitar as diferenças. Então, vamos verificar o que elas entenderam questionando-as sobre a palavra bruxa novamente.

Retome o substantivo BRUXA da atividade de pré-leitura, colocando-o novamente na lousa, como você fez anteriormente. Solicite agora que cada um dos alunos tente associar características positivas dessa palavra, conforme aprenderam no livro. Assim, peça para que um diga uma ideia correspondente e anote-as na lousa segundo o que eles falam. Ao terminarem de executar essa tarefa, leia, em conjunto com os alunos, as palavras em voz alta e peça que anotem no caderno.

Depois de terem anotado, continue a atividade, solicitando que escrevam cinco frases que respondam à pergunta do título da atividade: *Por que eu prefiro ser a bruxa?* Você pode escrevê-la na lousa e pedir que os alunos façam as frases no caderno e depois as leiam aos colegas.

PÓS-LEITURA

Feitiço para acabar com o preconceito

No livro de Wanderson Lana, a menina Maria usa das palavras e formas empregadas em um feitiço para ensinar seus amigos sobre a intolerância racial e o respeito às diferenças. Falando como uma bruxa verdadeira, ela clama pelos elementos da natureza para a ajudar, recita frases preditivas do que vai acontecer e conclama a todos a deixarem o preconceito de lado. Assim, o autor subverte a noção de feitiço ou maldição, que seria provocar algo de mau, para ensinar uma coisa boa.

O feitiço, a maldição e o encantamento não são definidos como gênero textual, no entanto, podemos dizer que apresentam características prescritivas e preditivas, pois, ao mesmo tempo que impõem uma ordem, uma orientação de comportamento, passam a dizer como serão as coisas no futuro. Assim, ensiná-los aos alunos é importante, porque eles irão deparar-se com eles em algum momento da vida. Para tanto, vamos observar o feitiço falado por Maria:

— Está proibido falar
Palavras para machucar
Agora, vocês vão cultivar
A palavra “respeitar”,
Até na hora de brincar
Para ninguém se magoar.

E precisamos compreender
Que você pode e deve ser
Aquilo que bem entender,
Sem que ninguém te faça sofrer.
Por isso, uso o meu poder
Para que, enfim, possam ver!

Noite que faz a criança dormir.
Baratas, morcegos, ratos, podem vir.
Se essas crianças maldade vierem a repetir
E de mais crianças tirarem o sorrir,
De ser sua amiga eu vou desistir,
Porque nada é mais feio do que ao outro ferir!
(LANA, WANDERSON, 2021)

Como se pode perceber, nos dois primeiros trechos, a personagem usa da prescrição, empregando a proibição, a orientação do comportamento para poder dizer aos amigos que a atitude deles era ruim. No terceiro trecho, usa da predição, mesmo que condicionada, para mostrar às crianças o que aconteceria se continuassem reproduzindo preconceitos, isto é, perderiam a sua amizade. Portanto, o feitiço, ao mesmo tempo que tem a pretensão de corrigir um problema, prediz as consequências que podem acontecer se não corrigidos.

Nesse sentido, consideramos muito interessante trazer o feitiço para o trabalho de produção textual dos alunos, justamente porque conversa com o livro, mas também porque é um bom modo de eles pensarem sobre como acabar com o preconceito, a intolerância, o bullying e o desrespeito à diversidade e ao mesmo tempo refletirem sobre as consequências deles. Para tanto, eles escreverão os seus próprios encantamentos.

Coloque na lousa ou projete o trecho do livro colocado acima. Leia para as crianças, se puder, com a entonação de quem está fazendo um encantamento ou rogando uma maldição. Pergunte aos alunos se conseguem reconhecer em que espécie de texto se baseia a fala de Maria, em que tipo de situação ele é apresentado, que tipo de pessoa ou personagem usa esse texto e qual é sua função. Se eles não conseguirem identificar que isso é um encantamento de bruxas e fadas, recorra ao livro para lembrá-los e induzi-los a chegar a essa conclusão. Você pode optar ainda por perguntar se eles já viram alguém falando algo parecido em textos, livros, filmes, desenhos, séries, novelas, etc. Questione sobre as características desse tipo de texto e, por fim, escreva a palavra feitiço na lousa.

Discuta com eles as características de um feitiço, analisando o trecho de *Eu prefiro a ser bruxa*. Aqui destacamos algumas.

- Presença de vocativo, invocando as forças da natureza.
- Uso da proibição e de ordens para regulação de comportamento, através das palavras “É proibido”, dos verbos no imperativo e verbos de ordem prescritiva (ir, dever, etc.).
- Uso do condicional para prescrever um comportamento.
- Uso dos verbos no futuro para fazer uma predição.
- Tom de ameaça, como se se dissesse “x deve ser feito de determinada maneira para que y aconteça ou deixe de acontecer”.

Depois de descobrir essas e outras características com seus alunos, diga que agora eles vão produzir um feitiço ou encantamento para pôr fim a diversas situações referidas no livro, ou então, para instituir outras que sejam interessantes para a convivência e o respeito entre as pessoas. Você pode sugerir como temas o fim do racismo, do preconceito de qualquer tipo, do bullying, das brigas, o respeito às diferenças, a valorização das amizades, entre outras coisas. Sugira a eles produzir um encantamento “do bem”, para gerar coisas boas à sociedade e para a vida escolar. Ao fim, você pode pedir que eles leiam seus encantamentos aos seus colegas na sala de aula, ou ainda, na atividade que proporemos, chamada **Baile das bruxas e bruxos**.

Baile das bruxas e bruxos

Ainda que não tenham sido durante todo o tempo ligadas ao mal e às coisas ruins, as bruxas foram por muito tempo consideradas maléficas, portadoras do caos, das doenças e das mortes. No entanto, assim como no livro *Eu prefiro ser a bruxa*,

recentemente esse mito tem sido desconstruído, e elas têm sido relacionadas muitas vezes com a aceitação de ser quem se é e com a complexidade do ser humano, como no musical *The Wicked*, nas séries *As bruxinhas gêmeas* (que inclusive tem protagonistas negras) e *Os feiticeiros de Waverly Place*, e nos filmes *Harry Potter* e *Malévola*. Assim como tem acontecido com as princesas e príncipes, os estereótipos estão caindo e as crianças têm se identificado cada vez mais com esse grupo.

Então, para a atividade final com o livro *Eu prefiro ser a bruxa*, achamos que seria muito legal você fazer um grande baile com seus alunos em que eles se vestiriam de bruxas e bruxos. Comece a atividade pedindo para que eles relembrem quais os feiticeiros que conhecem e que gostariam de ser. Eles podem inventar características, se quiserem, construindo uma imagem de seu modelo ideal. Solicite, então, que desenhem essa/e feiticeira/o em um papel e compare-os aos desenhos de bruxas feitos na atividade de pré-leitura

Em seguida, diga a eles que farão uma grande celebração, uma espécie de baile, em que vocês celebrarão as bruxas legais, os feiticeiros positivos e diferentes. Solicite, então, para que eles desenhem o figurino que gostariam de usar (ele pode ser baseado no feiticeiro que eles desenharam acima). Lembre-os, por exemplo, que Maria é uma bruxinha que veste roxo, tem meias listradas de preto e branco, uma tiara de sementes e folhas na cabeça, e um colar com uma pena no pescoço, apresentando algumas características das bruxas tradicionais e outras que ela colocou. Eles podem fazer o mesmo. Se quiserem, podem pesquisar na internet para terem mais ideias.

Não achamos muito interessante pedir aos pais que confeccionem as fantasias, pois é muito mais legal lançar mão daquilo que se tem e colocar as crianças para pôr a mão na massa, ou melhor, nas roupas! Se puder, solicite a ajuda do professor de Educação Artística e faça as roupas com as crianças usando tinta, cartolina, papel crepom, papel de seda, *papier machê*, tecido usado, ou seja, aquilo que for mais fácil para você e para elas. Do mesmo modo, enfeite a sala onde vai acontecer o baile com a ajuda dos alunos, pensando como seria um baile de bruxas e bruxos e usando o material disponível na escola. Vocês podem usar os desenhos que foram feitos até agora como decoração, valorizando o trabalho deles.

Outro elemento indispensável são as músicas. Você pode escolher um grupo de alunos para fazer um repertório ou solicitar para que eles levem as músicas e você o organize. No entanto, não se esqueça de supervisionar sempre, pois nos dias atuais os alunos têm acesso a temas pesados, sensíveis ou obscenos e que não cabem num ambiente escolar. Tentem levar músicas relacionadas ao tema do livro e da festa

para entrarem no clima. No dia do baile, não esqueçam de caprichar também na maquiagem, nem dos comes e bebes para tornar a festa mais animada!

Para finalizar, recupere os encantamentos e feitiços solicitados na atividade anterior e peça que os alunos os leiam para seus colegas, realizando uma grande festa contra o racismo, a intolerância, e a favor da diversidade.

Variação: Baile do mundo da imaginação

Nos dias atuais, muitos pais e cuidadores, por questões religiosas ou ideológicas, acreditam que conhecer a figura das bruxas seja prejudicial às crianças. Nesse caso, achamos que você ainda pode fazer um baile, mas mudando o tema, ou seja, para o mundo da imaginação.

Os passos serão os mesmos, no entanto, os alunos devem se lembrar de quais personagens existem no mundo da imaginação e quais gostariam de ser, organizando o figurino e a festa em função disso. Eles poderão escolher entre fadas, bruxas, princesas, príncipes, reis, rainhas, dragões, elfos, duendes ou qualquer outra coisa que a imaginação mandar. Que tal uma menina astronauta ou super-heroína e um menino mago ou cientista? Tudo isso não está nos livros infantis e na imaginação das crianças. Nesse caso, a ideia da festa é mais do que tudo celebrar a diversidade e a vontade de ser quem se é.

REFERÊNCIAS

BRETAS, Alex. **Objeto da fala**. Educação fora da caixa. 2015. Disponível em: <https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/objeto-da-fala-df942f838679>.

COELHO, Christiano. Como cultura é sempre chic, nesta edição confira entrevista especial com Wanderson Lana: O homem do coração azul... **Circuito Chic**, 2012. Disponível em: <https://circuitochic.com.br/coluna110.html>.

LANA, Wanderson. **Eu prefiro ser a bruxa**. 1. ed. Cuiabá: Carline & Caniato Editorial, 2021.

MARTINS, Roseli Figueiredo. **A identidade da menina negra: o mundo do faz de contas**. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim?** Cuiabá: Carline & Caniato Editorial, 2020.

RICARDO, Janoario (org.). **Combate ao racismo institucional:** essa luta também é sua. 2019. Disponível em: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/20190926cartilhacombateracismo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. 2010. Disponível em: https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/cartilha_bullying.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. *In:* MUNANGA, Kabengelê (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

VOU TE PEGAR - Xuxa no mundo da imaginação. Direção: Brasil: Globo, 2002. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4afO1DI1XAU>. Acesso em: 4 out. 2022.